



Potencializar o movimento grevista da Educação federal com atos e manifestações conjuntas!

Paralisar 100% das IFEs! Impulsionar a greve geral do funcionalismo!



greve dos professores das universidades federais, iniciada em 15 de abril, eleva a greve geral da educação federal, que já conta com toda a categoria dos técnicos (desde 11 de março), e com os docentes e técnicos dos institutos federais (desde 03 de abril). Trata-se, agora, de uma greve geral da educação federal contra a política de reajuste zero, de não reestruturação das carreiras, de redução dos orçamentos para educação e ciência, além de outros pontos, que marcam a atual política do governo Lula/Alckmin.

Sabemos que, embora geral, a greve não é total, porque muitas universidades e institutos não aderiram ainda a ela. Fruto da desmobilização do passado recente, muitos servidores das IFEs ainda duvidam da força da greve e da necessidade de uma resposta mais contundente à política do governo federal. É preciso retomar as assembleias à luz do movimento geral, mostrando a todos os trabalhadores da educação que essa é a única resposta diante do fracasso das negociações da Campanha Salarial em 2023, e diante da política de reajuste zero do governo. Aguardar "disposição" diferente do governo é um engano, assim como supor que uma grande mobilização deveria preceder a aprovação da greve, quando as condições de trabalho, cada vez mais precárias, dificultam qualquer mobilização, sem a paralisação das atividades.

A greve foi aprovada em centenas de campus acadêmicos pelo país, como resposta à enrolação produzida pelo governo em 2023. As universidades e os institutos federais, que já sofreram com as políticas do governo anterior, inclusive, com o congelamento salarial e redução dos orçamentos, não podem continuar de braços cruzados,

diante do arrocho salarial e da piora das condições de trabalho. A greve é o método da ação direta, própria dos trabalhadores, para colocar contra a parede governos e patrões. Paralisar os serviços é fundamental para obrigar as negociações reais e garantir vitórias. Por isso, é preciso uma coesão grevista de toda a educação federal.

¶ Paralisar os serviços é fundamental para obrigar as negociações reais e garantir vitórias. Por isso, é preciso uma coesão grevista de toda a educação federal.

Quanto mais forte for o movimento, maior é seu poder para pressionar o governo. É preciso a paralisação de 100% da educação federal, de modo a mobilizar a população em relação às reivindicações da pauta grevista.

Quanto mais forte for o movimento, maior é seu poder para pressionar o governo. É preciso a paralisação de 100% da educação federal, de modo a mobilizar a população em relação às reivindicações da pauta grevista.

Para isso, a greve não pode ser de "pijama", precisa ser uma greve ati-

va, com mobilização permanente de todos os setores (professores, funcionários e estudantes), para ganhar as ruas e a população para sua luta. Os atos conjuntos, as manifestações nas principais avenidas e rodovias, são meios de dar visibilidade para o movimento, saindo dos muros das instituições de ensino, e mostrando ao conjunto dos trabalhadores a real política do governo, que é de sustentação do capital financeiro (por meio do estrangulamento do orçamento público para pagar juros da Dívida), e de ataque aos serviços e aos servidores públicos.

A aprovação de greve em toda a Educação federal deve servir também para impulsionar a luta geral do funcionalismo. No ano de 2023, por meio do FONASEFE e do FONACATE, os servidores aguardaram uma resposta do governo para a Campanha Unificada. O governo só enrolou, e o funcionalismo não entrou em greve. O arrocho salarial não atinge só o setor da educação, ele é geral. A necessidade de luta, portanto, é objetiva para o conjunto do funcionalismo. A greve da educação federal mostra o caminho da luta para alcançar, não só o reajuste, entre 22,71% a 34,32%, mas o conjunto das reivindicações. A nossa política deve ser pela mais ampla unidade de todo o funcionalismo, porque, paralisando a máquina estatal, cada uma das categorias terá mais força para negociar suas pautas específicas, e arrancar conquistas. A Educação federal em greve pode ser a ponta de lança para um movimento grevista de todo o funcionalismo. Greve que é uma necessidade para se confrontar com o Arcabouço fiscal, que tem como consequência a destruição dos serviços públicos e o ataque às condições de vida e de trabalho dos servidores.

ABAIXO O AR CABOUÇO FISCAL! DEFESAS DOS SERVIÇOS E DOS SERVIDORES PÚBLICOS!

Para muitos, parece estranho que o governo de Lula mantenha a política de congelamento salarial que foi iniciada por Bolsonaro. Entretanto, fora a faceta de "democrático", o governo Lula, eleito por uma frente ampla burguesa, mantém a mesma política de austeridade fiscal dos governos anteriores. Aliás, aprofunda essa política, ao aprovar o Arcabouço Fiscal (que limita o aumento de investimento nas áreas sociais), ao aprovar a Reforma Tributária (que busca centralizar recursos nas mãos da União), e ao manter os parcos recursos para os serviços públicos no orçamento anual. Trata-se de uma política de sustento do capital financeiro, por meio do pagamento de juros para a Dívida Pública. Neste governo, como nos anteriores, o pagamento de juros é sagrado, e os cortes, bloqueios e contingenciamentos das verbas

para os Ministérios são regulares, como o último bloqueio anunciado em março, em R\$ 2,9 bilhões.

Nossa greve deve denunciar que o governo pretende sustentar o parasitismo financeiro às custas do congelamento salarial e do estrangulamento do orçamento para os serviços sociais. Manter o reajuste salarial em zero é obrigar que o funcionalismo pague a conta para que o governo continue a manter os altos lucros do

grande capital nacional e internacional. É uma política antipopular e antinacional, que sangra os trabalhadores em proveito de uma casta parasitária.

Uma greve poderosa, não só da Educação federal mas de todo o funcionalismo, poderia interromper essa política, colocando contra a parede o governo e sua "austeridade fiscal". A defesa dos serviços públicos e dos servidores passa pela luta contra essa política. ■

Palestina: CESSAR FOGO JÁ! Ruptura de todas as relações do Brasil com Israel! Organizar as greves e ocupações das fábricas, portos e aeroportos para impedir que cheguem armas e apetrechos ao Estado genocida de Israel! Pelo fim do enclave do imperialismo – Israel – no Oriente Médio!

Já tem seis meses de bombardeios, ocupação com tanques, destruição de campos de refugiados, prisões em massa (inclusive de crianças), execuções sumárias, bloqueios à chegada de alimentos e remédios, usando a fome e doenças como armas de guerra, tudo isso despejado pelo Estado sionista de Israel sobre os milhões de palestinos que moram na Faixa de Gaza. E isso não é de agora, se arrasta desde os sistemáticos ataques de Israel aos campos de refugiados em Jenin, semanas antes das ações do Hamas (muitas delas inventadas com ajuda da Inteligência Artificial), tomadas como pretexto para o genocídio. E, historicamente, desde 1948, quando se iniciaram os ataques e a mortandade de palestinos para instalar em seu lugar um aparato militar do imperialismo na região, a fim de controlar os governos vizinhos, de países produtores de petróleo.

As massas do mundo todo têm se mobilizado em marchas de cente-

nas de milhares, em defesa do povo palestino. Mas seus governos, que choram hipocritamente os mortos em Gaza, não tomam atitudes para impedir que continue o massacre de palestinos por Israel.

Os movimentos do mundo todo têm a tarefa de exigir de seus governos a imediata e total ruptura de relações com Israel. E organizar o proletariado nas fábricas, portos e aeroportos para impedir que se envie qualquer coisa a Israel que possa contribuir com o genocídio.

Defendemos o fim do estado sionista de Israel, e a constituição de uma Palestina Una, com um governo operário e camponês, uma república socialista, parte de uma federação de repúblicas socialistas do Oriente Médio.

Na Rússia, não se trata de apoiar o governo ditatorial e burocrático de Putin, mas de estar ao lado da propriedade nacionalizada pela revolução socialista de 1917, uma conquista revolucionária do proletariado mundial, que está ameaçada de

AUTODETERMINAÇÃO DOS PALESTINOS

PELO FIM DO ESTADO DE ISRAEL

A revolução proletária na Palestina e Oriente Médio a libertará da opressão sionista!



destruição pelo avanço militar das forças do imperialismo estadunidense e europeu, por meio da OTAN.

A derrota do imperialismo em qualquer parte do mundo favorece a luta do proletariado em todos os lugares! ■

PALESTINA

Pela derrota do imperialismo e do sionismo

Pela derrota militar da OTAN na Ucrânia!